

# DESEJO E DECADÊNCIA NAS OBRAS *O CASAMENTO* DE NELSON RODRIGUES E *CRÔNICA DA CASA ASSASSINADA* DE LÚCIO CARDOSO

*Carla da Costa de Lemos*

*Orientadora: Ângela Maria Dias*

*Mestrando*

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo apresentar um breve diálogo entre duas obras *O Casamento* de Nelson Rodrigues e *Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso. Meu interesse de análise refere-se ao estudo da manifestação do desejo em um contexto de decadência familiar, em termos de repressão, dissimulação e ocaso da autoridade patriarcal. No caso de ambas as obras, esta manifestação se dá pela transgressão ao interdito comum a todas as civilizações, que é o do incesto. Mesmo nas ditas “primitivas”, a prática do ato sexual com membros do mesmo totem (família) se constituía como imperdoável. Os autores desempenham um papel predominante no cenário literário brasileiro ao dirigirem um olhar crítico para a família patriarcal, descortinando hipocrisias com a utilização de temas considerados tabus. Vale ressaltar que o Brasil vivia um período de inquietações políticas derivadas do AI5 que dificultaram as expressões artísticas de forma geral. Neste cenário de intensas transformações, ambos inseriram sua escrita transgressora e provocadora das mais diversas reações.

**PALAVRAS - CHAVE:** Desejo, decadência, família, Nelson Rodrigues, Lúcio Cardoso.

## **Introdução**

Contemporâneos do mesmo mês e ano – Nelson Rodrigues nasceu em 23 de agosto e Lúcio Cardoso no dia 14 – ambos trazem como característica comum a transgressão e utilização de temas considerados tabu.

Dessa forma, incesto, homossexualidade, desejo são tópicos recorrentes nas obras de ambos, com mais uma peculiaridade: os dois situaram seus personagens em famílias tradicionais vivendo um processo de decadência do modelo patriarcal.

Ambos escreveram dentro de um período de ditadura política no Brasil que apesar de ter sido um momento de censura às manifestações culturais e artísticas, não os impediu de se apropriarem da liberdade estética proposta pelos modernistas, do qual eram herdeiros, para, com sua escrita transgressora, promoverem, por sua vez, modificações estilísticas com a utilização de uma escritura mais psicológica, onde as contradições humanas se colocam como o “prato do dia”.

Essas contradições ocorrem na esfera do desejo inconsciente que ao se manifestar em sociedade, muitas vezes provocam rupturas e transgressões. É a dicotomia humana proposta por Freud ao enunciar que o sujeito não se compõe como sujeito único e sim como um dividido em dois: o que se enuncia e o enunciador.

Não há um sujeito único, unidade original e fonte irreduzível do desejo, que se desconhece em parte, mas dois sujeitos [...] O sujeito do enunciado é o sujeito social, portador do discurso manifesto [...] porém desconhecedor do sujeito da enunciação e do conteúdo da mensagem. O sujeito da enunciação é, por sua vez, excêntrico em relação ao sujeito do enunciado. Ele não é expresso ou significado no enunciado, mas recalcado e inconsciente. (GARCIA-ROZA, 2009, p.149)

As duas escritas apresentam o drama dos personagens na vivência de seus desejos que se manifestam tanto no âmbito de construção do sujeito quanto na transgressão ao interdito universal do incesto.

Ao mesmo tempo os autores lançam o olhar para as mazelas e idiosincrasias de uma sociedade fundada sobre bases patriarcais em decadência ainda prenhe de preconceitos.

Desejo e decadência formam dois tópos que se interpenetram em uma relação dialógica, interdependentes. Atuam, nas narrativas obedecendo ao movimento formador do erótico “a dança, propriamente humana que se dá entre estes dois pólos: o do interdito e o da transgressão” (BATAILLE, 2013, p.16). Não há, na escrita de ambos os autores, possibilidade de vivenciar o desejo erótico sem a transgressão do interdito, em outras palavras, sem a decadência.

Pensar no texto dialógico e obsessivo de Nelson em contraponto a uma escrita de certa forma noturna, densa e interiorana de Lúcio, faz pensar na grandeza narrativa de ambos. Como um tema pode adquirir cores tão diversas e tão próximas ao mesmo tempo. Em que medida podemos travar um diálogo com as duas obras. Este é o grande desafio.

### Sobre o desejo

Nas obras analisadas, sempre me chama a atenção a questão premente do desejo. Não só o que está vinculado a uma pulsão sexual, mas a outra característica que de certa forma torna-se, uma base para a análise das relações estabelecidas entre os personagens.

Neste aspecto, vale citar Hegel quando este propõe uma cisão nas teorias que estudavam o homem através do *cogito* propondo, por sua vez, que é através do *Desejo* que o indivíduo se constitui humano na medida em que nega a natureza e lança-se à vida cultural.

O desejo está na base deste processo, porque é através dele que o homem passará da simples *consciência de si*, ou seja, da consciência dos instintos sensíveis, para uma *autoconsciência* onde o desejo de ser objeto de desejo do outro, se torna uma premissa. É na relação com o outro que nos constituímos como sujeitos.

É este, pela função “negatriz” que permite a passagem do natural ao cultural; é negando a natureza, sobrepondo à vida um valor maior do que ela, que o indivíduo se constitui como humano. o homem seria, pois, esse efeito-desvio do Desejo. (GARCIA-ROZA, 2009, p.16)

Freud ampliou este olhar *hegeliano* ao propor o Desejo como sendo um impulso interno que nos leva a buscar reproduzir alucinatoriamente uma “experiência de satisfação” (GARCIA-ROZA, 2009, p.144). Posso recorrer a um velho exemplo: o bebê, ao ter sua necessidade física de fome saciada com o seio materno (ou mamadeira de um cuidador), grava esta impressão mnemônica. Num momento futuro, com um novo desconforto, ele buscará a saciedade vivenciada naquele momento, que agora, já faz parte de um sistema simbólico incipiente, pois, neste momento, o bebê ainda não possui sistema simbólico construído, este se dará com sua inserção no mundo das palavras.

É o outro, portanto, que inicia em nós a descoberta do desejo. Em um primeiro momento a criança se forma de acordo com o olhar que o adulto lhe dá e busca conquistar o apreço e a valorização deste adulto que farão, por sua vez, que ela se valorize.

É neste sentido que Lacan coloca que o “Desejo do Eu é o Desejo do Outro”, pois, como já foi dito, nos formamos na relação com o outro e, mais do que isso, nos desenvolvemos submetendo ou sendo submetidos pelo Desejo do outro.

Vale ressaltar que esse desejo, muito embora possa ter sua imagem mnemônica ligada a uma satisfação física, se inscreve no mundo do simbólico e é isto que vai proporcionar a diversidade de objetos e situações pelas quais o indivíduo buscará satisfazer essa “falta”, pois, como nos coloca Garcia-Roza:

O desejo desliza por contigüidade numa série interminável na qual cada objeto funciona como significante para um significado que, ao ser atingido, transforma-se em novo significante e assim sucessivamente, numa procura que nunca terá fim porque o objeto último a ser encontrado é um objeto perdido para sempre. Toda satisfação obtida coloca imediatamente uma insatisfação que mantém o deslizamento constante entre o desejo nessa rede sem fim de significantes. (GARCIA-ROZA, 2009, p.145)

É importante pensar na significação deste sujeito que busca o objeto em falta. Lacan aponta (apud GARCIA-ROZA, 2009, p.145), que este Eu não se refere a uma “realidade original, fonte substancial do desejo, mas algo que emerge a partir de um determinado momento como operador das resistências e somente pensado por referência a um outro”

É através da linguagem, ou seja, da entrada em um mundo simbólico e na relação com o TU que o sujeito se forma. E é por meio das palavras que o sujeito será capaz de mentir e ocultar o que sente.

Chegamos num ponto importante de encontro com esses dois pressupostos teóricos, pois, na medida em que o sujeito oculta informações a seu respeito, possibilita pensar na concepção de Freud a respeito do desejo quando nos diz que ele se torna inconsciente e, por isso, muitas vezes sonogado no discurso do Eu.

Dentro dessa proposta, o homem possui uma cisão interna, onde dois sujeitos coexistem: o *sujeito do enunciado* e o *sujeito da enunciação*. O *sujeito do enunciado* é o sujeito que oferece à sociedade os comportamentos condizentes aos que é considerado ético e

correto. O *sujeito da enunciação* está no nível do inconsciente e guarda com este uma relação profunda, pois é no inconsciente que os desejos do sujeito ficam armazenados, nem sempre chegando ao nível de consciência do enunciador.

É esta relação entre os dois sujeitos do enunciado que nos interessa neste estudo. Em função das exigências de uma sociedade ainda patriarcal, como que ocorre a manifestação dos desejos já sabidos inconscientes? É esta a proposta transgressora dos dois autores estudados. Apresentar as contradições e transgressões de personagens na concretização desses desejos em um modelo familiar patriarcal decadente.

Sabemos que estamos no início de uma ditadura no Brasil, o que faz com que as relações “indesejáveis” e o erotismo fiquem ainda mais escondidos. O que vale mais a pena? Apresentar-se ao mundo com sua ‘magreza moral’, “assumir sua lepra” (RODRIGUES, 1992, p.251) ou manter-se fiel aos costumes praticados do mal viver? Dar vazão aos desejos ou manter-se preso à culpa?

### **A decadência do modelo patriarcal**

O chamado modelo patriarcal de família tem suas origens no Brasil com o processo colonizador onde as influências européias aliadas ao cânone religioso, estabeleceram alguns alicerces de comportamento e de dominação do status quo reinante.

O pai era o provedor. Provinha o sustento físico e mental dos seus familiares na medida em que atuava como o centro de toda a família. Todas as ordens vinham dele e sobre ele cabia a decisão sobre a vida de todos que lhe estavam subordinados. À mulher cabia o trato com a casa, com os filhos e com a criadagem/ escravos.

Os alicerces religiosos e familiares estabeleciam os padrões de comportamento a serem seguidos por todos. Diferenciando a população entre os que fossem de “boa família” e os que pertencessem à “massa anônima totalmente entregue ao reino da natureza, sem qualquer norma cultural a regê-la” (CORREA, 1981, p.24).

A família, de certa forma, compunha o eixo basal da sociedade brasileira não só na área de cultura e de disseminação de valores europeus, mas como um alicerce econômico, na



medida em que participava de decisões a respeito da colônia, envolvendo-se na exploração de todo o patrimônio brasileiro.

Podemos dizer que em algumas cidades brasileiras (particularmente as do litoral) as famílias “tradicionais” detinham todo o poder, na medida em que concentravam o capital com a exploração da terra em imensas fazendas de cana de açúcar, café e outros artigos.

As famílias da área hoje denominada como Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Bahia, beneficiaram-se da exploração do ouro e pedras preciosas que modificaram de certa forma, o desenho político da colônia, na medida em que transferiu a capital do Estado do Brasil de Salvador para o Rio de Janeiro, por ser uma cidade com maior acesso às cidades mineradoras.

Com as modificações ocorridas em função da abolição da escravatura e a crescente industrialização do mundo, essas famílias passaram por um processo de decadência financeira, na medida em que não detinham mais o poder econômico. Claro, que estamos fazendo uma análise muito breve desses aspectos porque, o que nos interessa, neste estudo é apresentar as decadências morais que, de certa forma, eram coadjuvantes no período de opulência, fazendo-se presentes também na ruína.

Como já dissemos anteriormente, as famílias eram as responsáveis junto com a igreja pela instituição e manutenção de regras calcadas em um cânone religioso – a Bíblia – que serviria para a preservação do *status quo* reinante.

Para a sociedade, de forma geral, mantinham-se dentro do padrão ético dos bons costumes. O que não acontecia na prática. O patriarca, muito embora afeito aos ideais de manutenção da fidelidade feminina, muito cioso das responsabilidades conjugais da esposa, não se mantinha com o mesmo rigor, o que era visto e, de certa maneira “tolerado” pela igreja, pois era o homem que provinha à família assim como as províncias.

Este padrão dissonante chegou ao século XX, trazendo como herança esse ideal formador de comportamentos bem vistos socialmente. Caberia ao pai de família – nova denominação dentro da moderna família conjugal brasileira – a ordenação das pessoas e posses dentro do grupo familiar, assim como a manutenção dos padrões aceitos socialmente.

Ao mesmo tempo em que se colocavam na posição privilegiada de mantenedores da ordem, usavam de seu poder para utilizar-se dos mesmos comportamentos considerados, naquela sociedade, como impróprios.

Neste ponto coloca-se a escrita dos dois autores supracitados que, em um período de profunda autocracia com a instituição da ditadura no Brasil, ousaram escrever sobre essas decadências – aqui entendidas como dissonâncias de comportamento frente ao modelo proposto.

Ambos, ao destacarem as divergências existentes nas relações humanas frente ao que era imposto pela sociedade e o que era vivido de fato, provocaram as mais altas críticas, pois propunham a colocação de um espelho frente à sociedade mineira no caso de Lúcio Cardoso e Carioca no caso de Nelson Rodrigues.

### **A manifestação do desejo decadente em Lúcio Cardoso e Nelson Rodrigues**

As obras *O Casamento* e *Crônica da casa assassinada* trazem para o debate, como já foi dito neste trabalho, temas considerados como tabus dentro da sociedade brasileira das décadas de 50 e 60.

Na obra de Nelson, a dicotomia entre o sujeito do enunciado e o da enunciação fica muito evidente no personagem principal, Sabino Uchoa Maranhão, empresário do ramo de construção de imóveis, casado com Eudóxia e pai de três filhas, dentre elas, Glorinha, por quem nutre um desejo inscetuooso.

Sabino é um homem freudiano, atormentado com a imagem do pai, regulador de suas atitudes, castrador de seus desejos. A morte física do pai, não liberta Sabino para que vivencie seus desejos de forma plena, o último pedido paterno para que fosse um “homem de bem”, marca seu inconsciente tornando-o um homem angustiado frente ao desafio de viver sem dar vazão às suas vontades mais íntimas.

A linha tênue que separa os dois sujeitos progressivamente vai ficando mais estreita até que, às vésperas do casamento de sua filha, ele descobre a homossexualidade do genro,

que desencadeia uma espiral de loucura provocando a vivência indiscriminadamente de seus desejos.

A proximidade do casamento o enlouquece, pois considera que, a partir daí, sua filha deixará que lhe pertencer, morrendo de certa forma:

Beija e é beijado. A mulher que se casa não é a mesma. No dia seguinte, Glorinha não seria a mesma da véspera. Ela mesma viera de casa, no táxi, espiando para tudo com o espanto de um último olhar. Sim, como se fosse morrer. Abraçado à filha, fecha os olhos para saturar-se do seu perfume. Gostava de sentir seu hálito. Nunca tivera mau hálito, nunca. E ela toda como cheirava bem, mesmo sem perfume, como cheirava bem. [...]  
Chega o elevador. Beijam-se. Ela entra. Sabino sente que a perdeu. Sonha que o elevador é um caixão, que levasse sua filha morta. (RODRIGUES, 1992, p.34, 36)

É importante abrimos um parêntese para a personagem Glorinha e suas vivências transgressoras. É uma personagem bastante intrigante por ser uma provocadora de desejos na trama. Glória é objeto de desejo de vários personagens e vive com a mãe e irmãos uma disputa pelo amor paterno. Competição que ganha sem esforço.

Ao mesmo tempo, transgride as regras da sociedade na qual está inserida sem atormentar-se com isso. Em uma visita à casa de Zé Honório, para ver sua relação sexual com o namorado Romário em uma vingança contra o pai, ao mesmo tempo em que repudia a atitude do enfermeiro, excita-se com a situação e tem seu primeiro encontro carnal com Antônio Carlos e com sua prima.

E Antônio Carlos:

- Não é bom fazer isso na frente dos outros?
- Bom demais.
- O crioulo também te viu.
- Não faz mal.

[...]

Vira a menina. Glorinha está perdida:

– Me xinga! Diz palavrões! Meu amor, ai, meu amor!

Ao lado, Zé Honório está mudo, numa espera triste. E, por um momento, diante do espelho, Maria Inês entretém-se em coçar a cabeça com o cabo do pente.

Glorinha morde sem até sangrar o ombro de Antônio Carlos. Querido, querido. Vê o rosto do pai, a boca do pai, os lábios finos e meigos, as mãos diáfanas de santo. O rapaz queima a sua pele com o sopro quente de animal, de cavalo, de vaca. Glorinha está suando debaixo de um seio. Ela transpira mais debaixo do seio direito. Cai entre os dois uma paz desesperadora. (RODRIGUES, 1992, p.131, 132)



A atitude libertária de Glorinha me leva a pensar em Nina, personagem de Lúcio Cardoso em *Crônica da casa assassinada*, casada com Valdo e que tem relações extraconjugais com o jardineiro da família de seu marido sem culpar-se por isso.

A história de Lúcio se passa em uma cidade pequena de Minas Gerais, onde uma família apega-se ao que sobrou de toda a opulência do passado. A narrativa é construída sobre os diários, cartas, cadernos e confissões dos personagens que vivem como se o tempo houvesse parado.

Nina é uma mulher que desperta o desejo de todos os personagens da casa. Ou desejam ser objeto de desejo dela, ou formam-se a partir do que ela provoca. É o que acontece com Ana que começa a olhar para si mesma percebendo-se pequena na presença majestosa da personagem principal, desejando vivenciar suas experiências, transgredindo suas regras ao desejar ser objeto de desejo de Alberto (amante de Nina).

Ana vive de forma angustiada o balé entre o sujeito do enunciado e o da enunciação:

Repito, ignoro o que esteja se passando comigo – surda, causticada, vagueio entre as pessoas sem coragem para expor o que se passa no meu íntimo, mas suficientemente lúcida para ter certeza de que um monstro existe dentro de mim, um ser fremente, apressado, que acabará por me engolir um dia. (CARDOSO, 2009, p.161)

Assim como Sabino, personagem principal da obra rodrigueana, Ana vive uma espiral de loucura que a faz vivenciar seu desejo, mantendo as aparências de mulher submissa, tão necessária à manutenção do status da família. Arriscamos dizer que ela faz parte dessa engrenagem de decadência, na medida em que exerce dois papéis contraditórios entre si: o de esposa fiel e o de mulher que deseja o desejo de outro homem.

Ao contrário de Nina que vivencia seus desejos sem culpa e, na medida em que não se encaixa no padrão estabelecido pela família decadente mineira, decide ir embora, retornando 15 anos depois.

Neste ponto se instala a questão nevrálgica do texto. Nina, ao retornar, tem um caso “incestuoso” com seu “filho” André. Ao longo de toda a narrativa, o autor propõe a seu leitor, que Nina e André são mãe e filho. O jovem acredita ser filho de Nina e Valdo, quando na

verdade, é fruto do caso que Ana (com quem não nutre nenhuma relação de afeto) manteve com Alberto.

Ana observa o contato íntimo que se instaura entre “mãe e filho” e mesmo percebendo o quanto André torna-se angustiado com a situação, não revela a verdade para o filho após a morte da personagem transgressora.

Na verdade, a manutenção das aparências é o que importa no seio dessas famílias. Este é um ponto muito importante nas duas obras, as diferenças de comportamento do homem em sociedade, herdeiros de um modelo patriarcal, e suas experiências íntimas que não se coadunam com essas regras.

Na obra de Nelson, uma das preocupações do personagem Sabino, ao descobrir a homossexualidade do genro, é a de garantir que o casamento ocorra para cumprir um papel social que é o de assegurar o casamento da filha mais nova.

O mesmo se dá em relação à sua esposa Eudóxia, quando a filha lhe revela que seu pai lhe deu um beijo na boca em uma praia deserta. A única preocupação da mãe é em relação ao casamento previsto para acontecer no dia seguinte ao evento:

Começa a ter nojo das vozes, dos risos, das luzes. Vem falar com Eudóxia:

– Mamãe, vem aqui um instantinho.

– Tenho que me despedir de tua tia.

Baixa a voz:

– Larga tudo e vem, vem.

Glorinha vai na frente. Entram no quarto e a menina tranca a porta.

Glorinha disse:

– Mamãe, papai quis me violentar.

Maria Eudóxia balbuciou, branca:

– O que é que você está me dizendo?

Repetiu:

– Papai me levou para uma praia deserta. Lá quis me violentar.

As duas se olham. Naquele momento, Glorinha sentiu a falta de um cigarro.

Eudóxia vai até o fundo do quarto. Volta, lentamente.

E, súbito, decide:

– Minha filha, olha aqui. Não quero saber de nada. Sim? Não me conta nada.

Deixa sair esse casamento. Depois, a gente conversa, está bem?

(RODRIGUES, 1992, p. 217, 218)

A preocupação com as aparências também levou Demétrio, irmão do personagem Valdo de *Crônica da casa assassinada* a tentar afastar Nina por não conseguir conviver com

duas situações: o fato de não ser objeto de desejo dela e por não conseguir conviver com as contradições desse impulso interno.

Aos poucos, à força de encarar Nina como uma ameaça à sua tranquilidade, ao seu bem estar e até mesmo à sua integridade, acabara por supô-la um perigo geral – um mal que, para o bem de todos, evidentemente devia ser extirpado. É verdade que nunca chegou a afrontá-lo de modo positivo – pelo menos ela assim supunha –, mas jamais conseguiu assimilar aquilo que considerava não como fraqueza sua, mas como ação diabólica da parte dela. Amar odiando – esse teria sido o seu dilema. (CARDOSO, 2009, p. 485)

Nas duas obras, desejo e decadência vivem o balé da transgressão com o interdito. Um não existe sem o outro. O desejo incestuoso de Sabino por sua filha, o desejo de Glorinha por Antônio Carlos, de Ana e Nina por Alberto, o de André por Nina, possuem a marca da transgressão que salienta todas as contradições destes personagens.

## Conclusão

Neste balé descortinador de decadências repousa a grandeza literária de ambos os escritores que ousaram transgredir temas e normas, tecendo sua escrita na contramão do que era proposto literariamente até então.

Cada um com sua proposta estilística – Nelson com sua escrita dramaturgic e Lúcio com seus diários, cartas e confissões – constroem obras que nos apresentam, com grandeza literária, os conflitos existentes nos homens, na vivência de seus desejos quando estes não estão de acordo com o que é esperado em sociedade.

Ao mesmo tempo em que marcam uma crítica em relação às decadências destas relações, apresentam personagens magnéticos e humanos, provocando o leitor com a apresentação direta de situações repletas de temas-tabu.



## REFERÊNCIAS

CARDOSO, L. *Crônica da casa assassinada*. 12 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

CORRÊA, M. Repensando a família patriarcal brasileira. In. ALMEIDA, M.S.K e outros. *Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1982, p.15-42.

FREUD, S. *Totem e Tabu e outros trabalhos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

\_\_\_\_\_. *O mal estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

FREYRE, G. *Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 48 ed. São Paulo: Global, 2003.

GARCIA-ROZA. L. A. *Freud e o inconsciente*. 24 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do espírito*. Tradução de Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 1992.

KHEL, M. R. *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

RODRIGUES, N. *O casamento*. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

SCHWARZ. R. *As ideias fora do lugar: ensaios selecionados*. São Paulo: Companhia das letras, 2014.

\_\_\_\_\_. *O pai de família e outros estudos*. São Paulo: Companhia das letras, 2008.